

A forma da monstra: teratologias inventivo-interdisciplinares em gênero, sexualidades e queer

Carlos Henrique de Lucas¹
Clebemilton Gomes do Nascimento²

Resumo: Este ensaio explora as nuances da criação e da disseminação científica a partir de práticas político-investigativas interdisciplinares nos campos de gênero, sexualidades e estudos *queer*. A partir de uma reflexão metateórica, o texto propõe uma análise dos processos criativos que envolvem a produção e gestão do conhecimento, destacando a insurgência epistemológica e estética como traços fundamentais das pesquisas contemporâneas. O conceito de “teratologias inventivas” é introduzido, pelos autores, e de maneira inovadora, como metáfora para as monstruosidades criativas que desafiam normatividades estabelecidas, particularmente nas humanidades e ciências sociais, em que a criação com diferença emerge como ato de resistência contra a reprodução de saberes hegemônicos. O ensaio ainda reflete sobre o papel da interdisciplinaridade a partir de experiências em programas de pós-graduação no contexto baiano e da pesquisa encarnada na produção de saberes insurgentes, questionando os limites da institucionalização acadêmica e propondo formas alternativas de subjetivação e gestão do conhecimento.

Palavras-chave: Criação científica. Gênero e sexualidades. Gestão encarnada. Interdisciplinaridade. Resistência epistemológica.

¹ Realizou Estágio de Pós-Doutoramento em Relações Internacionais na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor em Cultura e Sociedade pela UFBA, Mestre em História da Literatura pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG), Especialista em Direitos Humanos pela Verbo Jurídico, Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Dom Pedro II. Atualmente, é professor licenciado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8771-9349>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7826528130382371>. E-mail: carlos.lucas@ufob.edu.br.

² Doutor em Difusão do Conhecimento pelo Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC/UFBA), Mestre em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPGNEIM-UFBA), Especialista em Metodologia e Prática de Ensino em Gênero (NEIM-UFBA), Licenciado em Letras com Língua Estrangeira Moderna-Inglês pela UFBA. Professor Adjunto B da Universidade do Estado da Bahia, Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias das Linguagens (PPGTEL-UNEB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5252-9585>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1415079739110248>. E-mail: cgnascimento@uneb.br.

Introdução

Neste ensaio, propomos uma reflexão sobre os modos de criação e disseminação do conhecimento a partir de nossas práticas político-investigativas, que atravessam os campos do gênero, das sexualidades e dos estudos *queer*. As humanidades e ciências sociais, frequentemente capturadas pelas lógicas produtivistas e positivistas hegemônicas, necessitam, em nosso entender, de uma insurgência criadora que resista à reprodução acrítica de saberes. Para isso, mobilizamos a ideia de “modelagem experimental”, articulando cartografias inventivas como método de criação e pensamento, afastando-nos da normatividade epistemológica que prevalece na academia. Nosso ponto de partida se ancora na noção de *(contami)nação*, que aqui compreendemos não como uma entidade homogênea, mas como “o escândalo da diferença”, aquilo que se contamina e se transforma pelas perspectivas subalternas que rompem com as lógicas hegemônicas (Lucas Lima, Fernandes e Nascimento, 2019) e (Lucas e Nascimento, 2024).

Ao longo deste ensaio, faremos uma análise metateórica e reflexiva sobre nossos percursos enquanto pessoas pesquisadoras. Proporemos uma leitura entrecruzada das formas como criamos e disseminamos conhecimento, com o objetivo de desestabilizar as práticas tradicionais de “produção” acadêmica. A criação, neste contexto, não é entendida como um gesto fundacional, divino ou demiúrgico, mas como um fenômeno que emerge de forma inesperada, uma “cartografia do susto”, inovadora forma de pensar a investigação acadêmica: pelo susto, pelo inesperado, pelo não previsto nos métodos, mormente cartesianos, de realizar pesquisa. Está aqui o cerne da cartografia, ou, como queremos, uma pesquisa pelo susto, por aquilo que a investigação nos apresenta, ou, mais do que isso, a partir do que ela nos impõe. É isso: o mundo se impõe a nós. E se trata muito mais de seguirmos o que o mundo nos diz, do que nós, do alto de nossos supostos saberes, anunciarmos o que deve ser pesquisado.

Defendemos, portanto, a “cartografia do susto” como uma abordagem em que o próprio problema de pesquisa determina o método investigativo, rompendo com a ideia de metodologias predeterminadas e predestinadas (Lima; Fernandes; Nascimento, 2019) e (Lucas; Nascimento, 2024). Nesse movimento, mobilizamos ainda o conceito de

“gestão encarnada do conhecimento”, um fenômeno que considera a criação, gestão e difusão do saber como processos profundamente enraizados na experiência viva e subjetiva, em oposição às lógicas produtivistas e mercadológicas impostas pelas agências de fomento, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) (Nascimento, 2021).

Nosso ensaio busca, também, problematizar as formas pelas quais a produção, gestão e disseminação do conhecimento têm sido abordadas nas pesquisas em gênero, sexualidade e *queer*. Observamos que pouco se discute sobre os modos criativos de produzir/criar conhecimento, e menos ainda sobre como a difusão desse saber se dá de maneira insurgente. Em um cenário de pós-verdade e proliferação de *fake news*, a difusão do conhecimento deve ser vista como um compromisso com o bem público,³ uma forma de resistir à *segregação cognitiva* e à *mercantilização do saber*, como propõe Teresinha Burnham Fróes (2012).

Neste ensaio, organizamos nossas reflexões em torno de três eixos principais: a criação como prática de resistência; a interdisciplinaridade como espaço fértil para a invenção; e a gestão encarnada do conhecimento como uma prática de autonomia e agenciamento. Ao final, refletimos sobre a importância da imaginação criadora para reconfigurar as humanidades e ciências sociais. Defendemos que, na experimentação e na insurgência, reside o potencial de revitalização desses campos, ao mesmo tempo em que desafiamos as normatividades e institucionalidades que buscam capturar nossas formas de vida e conhecimento.

³ Para Teresinha Fróes, autora com quem dialogamos, a ideia de conhecimento como “bem público” está relacionada a uma concepção ética, coletiva e estratégica da produção, gestão e difusão do conhecimento. Nesse aspecto, o conhecimento precisa servir ao interesse coletivo, na medida em que seu acesso é universal e equitativo, funcionando como via de promoção de justiça social a fim de reduzir desigualdades e buscando romper com a escassez típica do capital intelectual, tratado como propriedade privada ou vantagem competitiva.

Criação: matéria-forma formando-se de matéria-forma formada

Quando falamos em criação, rejeitamos a ideia de que ela seja um gesto fundacional, inaugural ou divino, como aquele expresso no *fiat lux* do Gênesis bíblico. A criação, no campo em que nos movemos, está longe de ser uma epifania demiúrgica. Ao contrário, ela se revela no imprevisto, no susto que irrompe nos processos de investigação e que emerge no encontro com o desconhecido. Trata-se da “transformatividade criadora”, um movimento de matéria-forma que se cria “continuamente a partir de matéria-forma já existente (Galeffi, 2014, p. 21). Nesse sentido, a criação não se refere à invenção *ex nihilo*, mas a um constante processo de reconfiguração do que já está dado, como um ato de resistência ao Uno, ao Um, ao Logos, e, particularmente, ao falocentrismo que organiza o pensamento ocidental (Ceia, 2023).

Entendemos a criação como um gesto insubmisso, não uma negação pura e simples da herança ocidental, mas uma *desconstrução estratégica*. Inspiramo-nos na *antropofagia*, prática epistemológica que devora e reinventa elementos da tradição ocidental em um movimento que desafia expectativas normativas (Lucas Lima, 2017). Nesta obra, o autor pensa a antropofagia – grafada por ele como *antropofagya* – como um jogo de palavras que relaciona antropofagia e *antropofagya*, personagem, a “Gya”, do texto que a tudo devora: uma gya pajubeyra, que, da herança europeia, “faz miséria”, como se diz na Bahia, isto é, consome o que lhe apetece e descarta o que não lhe agrada. E do que devora, após a digestão, expelle aquilo que não a nutre. Esse é o movimento da Gya.

Defendemos que essa criação insurgente emerge, particularmente, mas não somente, no campo das pesquisas em gênero, sexualidade e *queer*, em que a prática investigativa é reinventada para subverter estruturas formais e discursivas que a Academia convencional impõe. Trata-se de uma reapropriação crítica da herança ocidental, que é devorada e devolvida em formas renovadas e subversivas, rompendo com a ideia de que a produção de saber deve seguir uma linearidade normativa.

A questão da produção de conhecimento, como tradicionalmente entendida, está fortemente atrelada às exigências das agências de fomento à pesquisa, como a Capes. E

aqui vale sublinhar que o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), outra agência de pesquisa brasileira, cujo principal propósito é financiar a investigação acadêmico-científica, não possui área interdisciplinar, o que, em nosso entender, poderia dar vazão às perspectivas que temos nomeado aqui como inventivas ou monstruosas.⁴

Mas como dizíamos, a produção, em certa mirada tradicional, é compreendida como um processo mecânico de fabricação de saberes, orientado pela lógica da produtividade, é dizer, quanto mais melhor. Essa concepção está em consonância com a racionalidade neoliberal, que transforma o conhecimento em mercadoria, visando atender às métricas de avaliação institucional e de mercado. No entanto, ao enfatizar a criação, propomos um deslocamento radical em relação a essa lógica. A criação, ao contrário da produção, não é um gesto que se conforma às expectativas de quantidade e repetição, mas sim um processo que visa à invenção e à insurgência. Ela não se trata de produzir mais do mesmo, mas de “criar o novo”, o inesperado, o que resiste à captura pelo sistema acadêmico e mercadológico.

Esse deslocamento entre produção e criação é particularmente importante nas pesquisas em gênero, sexualidade e *queer*, campos nos quais as normas acadêmicas têm sido constantemente questionadas e reimaginadas, e esta é uma de nossas teses principais aqui. A produção, no sentido neoliberal, tende a reforçar estruturas de poder e exclusão ao exigir conformidade com padrões de saber que desvalorizam a diferença e a subversão. Já a criação, como a entendemos, emerge como um gesto de resistência a essas pressões institucionais e epistemológicas. Arriscamos afirmar que está em curso uma espécie de “queerização” não apenas temática, mas também formal, da prática acadêmica. Esses estudos não se contentam em desafiar os temas normativos da academia, mas subvertem as próprias formas de se fazer pesquisa, questionando a linearidade e a previsibilidade dos métodos tradicionais. Aqui está, também, uma outra novidade de nosso texto: o *queer*

⁴ Aproveitamos este ensaio para, em um libelo, defender a criação de uma Área Interdisciplinar no CNPq. Além disso, como pessoas pesquisadoras das franjas do mundo, das bordas do País, utilizamos este espaço para chamar a atenção das agências governamentais para o fato de que pessoas pesquisadoras dos interiores profundos do Brasil se encontram em desvantagem se comparadas com pessoas que residem e trabalham nos grandes centros urbanos.

não é apenas uma torção da compreensão do gênero e da sexualidade, mas sim da forma mesma de fazer/criar/produzir pesquisa na Academia.

Nessa mesma linha de pensamento, discutimos a ideia de que a criação é, antes de tudo, um ato de resistência. Ela surge como um movimento contra o instituído, desafiando os processos produtivos padronizados que têm dominado o campo acadêmico. A criação não se limita à inovação dentro de parâmetros estabelecidos, mas é um movimento radical em direção ao desconhecido, como já afirmamos alhures. Em nossos trabalhos com grupos e coletivos de pesquisa, como aqueles voltados para as dissidências de gênero e sexualidade, temos observado que a criação se dá na medida em que a investigação rompe com o previsível e o linear, apostando em formas inventivas de se construir conhecimento. É dizer, não apenas do ponto de vista da temática, mas também da forma mesma em que as pesquisas irrompem no mundo.

Ao nos referirmos à criação como “matéria-forma formando-se de matéria-forma formada”, estamos também propondo uma reflexão sobre o papel da subjetividade nesse processo. A criação, para nós, não é um gesto abstrato; ela emerge da experiência viva, da interação entre a pessoa pesquisadora e um campo problemático de pesquisa, do entrelaçamento de corpos, afetos e subjetividades. Como tal, a criação é sempre coletiva, mesmo quando parte de uma subjetividade singular. Ao criarmos, não estamos apenas produzindo conhecimento; estamos, ao mesmo tempo, (re)produzindo/criando a nós mesmos como pessoas sujeitas.

Essa noção de subjetividade criativa e insurgente é também central para a gestão do conhecimento que, como discutimos, deve ser encarada como um processo encarnado, e não apenas como uma processualidade burocrática ou administrativa, sonho das instâncias hierárquicas universitárias. Quando falamos de “gestão encarnada do conhecimento”, estamos nos referindo a uma prática na qual a criação e a disseminação do saber são inseparáveis da vida e da experiência dos(as) sujeitos(as) que o produzem (Nascimento, 2021). A gestão encarnada implica um envolvimento afetivo e, sobretudo, corporal com o conhecimento, que se opõe à lógica impessoal e mecanicista das instituições acadêmicas. Nesse sentido, a criação se dá como um movimento de resistência tanto aos ditames burocráticos quanto à própria mercantilização do saber.

A distinção entre criação e produção também nos leva a considerar o modo como os saberes insurgentes são disseminados. Em vez de seguirem os canais tradicionais de difusão do conhecimento – que muitas vezes reproduzem lógicas excludentes e hierárquicas –, esses saberes criativos se espalham de maneira não linear, contaminando outros campos de maneira imprevisível. Como nos alerta Teresinha Burnham Fróes, em tempos de pós-verdade e *fake news*, a difusão do conhecimento deve ser entendida como um compromisso com o bem público, resistindo à segregação cognitiva e à lógica mercadológica que transforma o saber em uma mercadoria controlada.

Esses pequenos gestos de resistência à mercantilização do saber se fazem particularmente presentes em programas de pós-graduação interdisciplinares que operam a partir de uma perspectiva criativa e insurgente. Em programas como o Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (UFOB), o Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (UFBA) e o Programa de Pós-Graduação Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (PPGDC-UFBA), entre outros na Bahia, a interdisciplinaridade tem se tornado um terreno fértil para experimentações epistemológicas que desafiam as divisões tradicionais entre áreas do conhecimento e promovem novas formas de entender e intervir no mundo. Nesses espaços, a criação é incentivada não como um fim em si, mas como um meio de reimaginar o presente e as formas de se fazer ciência.

Por fim, argumentamos que a criação, no campo das humanidades e ciências sociais, deve ser entendida como um ato político. Ela é uma prática que resiste à normalização e à fixação, movendo-se em direção ao desconhecido e abrindo novas possibilidades para a criação de saberes. Em tempos de crescente mercantilização e captura do conhecimento acadêmico, a criação insurgente oferece uma saída, uma forma de resistir à lógica da reprodução e, ao mesmo tempo, reinventar a própria prática intelectual e criação de saberes, ao colocar em diálogo comunidades de práticas com comunidades epistêmicas. É na criação com a diferença, como nos propõe Gilles Deleuze, na invenção que desafia, que encontramos a possibilidade de novas formas de fazer ciência e, sobretudo, de ser no mundo. Assim como Deleuze, entendemos a diferença

como força criadora e não como variação de um mesmo, como diferença, como afirmação, do devir e da multiplicidade, e não como cópia.

Assim, a criação não se dá apenas como uma prática técnica, mas como um movimento de subjetivação, uma prática de vida que recusa a captura pela normatividade e pela mercantilização, operando sempre no horizonte do inesperado e do novo.

As “teratologias” florescem na interdisciplinaridade?

Para não nos perdermos entre os muitos temas correlatos, é necessário dedicar algumas palavras ao estado atual das Humanidades e Ciências Sociais, à luz da interdisciplinaridade. Para tanto, tomamos como *locus* de observação o contexto mais próximo que são os Programas de Pós-Graduação baianos. Com isso, estamos querendo dizer que há insurgências por todos os cantos do Brasil afora, cantos e campos insurgentes a modelar formas outras de criar, gestar e difundir conhecimento. Nos ateremos a esse contexto para não cairmos em análises apressadas, rasas e, por vezes injustas. O Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS), localizado na Área Interdisciplinar da Capes, dentro da Câmara de Sociais, Culturas e Humanidades, exemplifica essa abordagem. Até bem pouco tempo atrás, a Área Interdisciplinar era a maior dentro da Capes, um indicativo do crescente papel que a interdisciplinaridade vem desempenhando na academia brasileira. No entanto, mais do que a quantidade de programas, é importante uma análise qualitativa, especialmente no que diz respeito à Câmara II, em que observamos as “teratologias temáticas” que caracterizam muitos dos programas de pós-graduação inter e multidisciplinares no Brasil. Esses programas não apenas olham para o presente, mas se posicionam no presente, e, às vezes, contra ele, ao (re)imaginar a vida, propondo áreas de concentração e linhas de pesquisa arrojadas e inovadoras que buscam dar conta de um mundo cada vez mais complexo e desafiador.

É nesse contexto que discutimos a criação inventiva como uma estratégia de sobrevivência para as Humanidades e Ciências Sociais. A interdisciplinaridade, longe de ser uma simples justaposição de saberes ou a aglutinação de campos disciplinares

distintos, está profundamente enraizada na complexidade de nosso mundo e nas maneiras como o lemos. A criação de saberes que transcendem os limites disciplinares estabelecidos é um movimento insurgente, capaz de propor soluções inovadoras para os problemas contemporâneos. E aqui, a interdisciplinaridade não se limita a ser um exercício acadêmico formal; ela é, antes, um processo que desafia normas, propõe “teratologias”, ou seja, abordagens monstruosas, anômalas, que surgem precisamente por romper com as formas tradicionais de criação de conhecimento.

Para explorar a questão das “teratologias” que florescem na interdisciplinaridade, é necessário levar em conta os *insights* oferecidos por Susan Sontag em *Contra a interpretação* (1987). Sontag argumenta contra a tendência de submeter a arte – e podemos estender essa crítica à produção acadêmica – a um processo incessante de interpretação, que muitas vezes dilui ou neutraliza a força da obra. Para Sontag (1987), o valor das criações não está apenas no que significam, mas no que são, no modo como existem e se expressam. Aplicando essa noção ao campo interdisciplinar, podemos dizer que as “teratologias” não precisam de interpretações que as domesticuem ou que as reduzam a significados legíveis pelo cânone disciplinar. Essas criações anômalas possuem uma potência própria, que reside na sua forma, na maneira como rompem com as expectativas convencionais de conhecimento.

Conforme já apontado, no contexto baiano, programas como o Pós-Cultura, o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PGNEIM), o Pós-Afro e o Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC), dentre outros programas, têm se mostrado pioneiros em adotar essa postura insubmissa. Esses programas, especialmente o PPGDC, multi-institucional e interativo, demonstram a força da interdisciplinaridade como um espaço de invenção, em que ferramentas de análise, teorias e conceitos operadores são constantemente reelaborados à luz de abordagens, que aqui temos nomeado, “teratológicas”. A criatividade e a insurgência epistemológica, presentes nesses programas, revelam-se como formas de resistir à captura neoliberal do conhecimento, promovendo uma pesquisa que se orienta pela complexidade e pelo dinamismo dos desafios contemporâneos.

Essa ideia de forma-conteúdo, central para a crítica de Sontag, pode ser vista nos programas interdisciplinares mencionados e em tantos outros que, embora alocados na tradição disciplinar, vem rompendo os paradigmas do pensamento monológico. Esses programas não apenas “significam” interdisciplinaridade; eles são interdisciplinaridade em ação. A maneira como se estruturam e produzem/criam conhecimento é tão importante quanto os resultados que alcançam. Em vez de se submeterem a uma lógica de produtividade e resultados utilitários, esses programas insurgem ao desafiar as categorias rígidas do conhecimento. O que floresce nesses espaços não são apenas respostas para os problemas contemporâneos, mas formas inovadoras de se pensar e fazer ciência. Ao romperem com as fronteiras tradicionais das disciplinas acadêmicas, esses programas criam formas híbridas de saber – as “teratologias” que Sontag defenderia como criações que existem por si mesmas, desafiando a interpretação e a domesticação.

O Pós-Cultura (UFBA), por exemplo, é um espaço de interseção de diversas áreas do conhecimento, gerando novas compreensões e práticas no campo da cultura. Baseado em princípios de interdisciplinaridade, o programa visa a formação de pessoas pesquisadoras e docentes que possam atuar em contextos acadêmicos e profissionais, tanto no ensino quanto na pesquisa e na extensão. Esse programa habilita seus e suas estudantes a desempenharem papéis em universidades e institutos de pesquisa, bem como em ambientes culturais, nos quais a prática interdisciplinar tem um impacto direto na construção de políticas culturais e no desenvolvimento comunitário.

Além disso, desde a sua fundação, esse programa não tem se furtado a se posicionar, de maneira bastante corajosa em nosso entender, diante de temas candentes para o País, tais como as políticas culturais e as discussões relativas às identidades de gênero e sexualidade. O Nucus, Núcleo de Estudos em Sexualidades e Gênero, fundado pelo Prof. Dr. Leandro Colling na Bahia, há quase vinte anos, tem formado pessoas pesquisadoras nesses campos e criado teses e dissertações muitíssimo inovadoras e rebeldes, tanto às formas acadêmicas tradicionais de se fazer ciência quanto às temáticas

que, atualmente, são consideradas, pelo grande público, incluindo pessoas progressistas, delicadas ou anátemas.⁵

O PPGDC, por sua vez, é um exemplo claro de como a interdisciplinaridade pode ser produtiva e inovadora. Focado nos processos de criação, gestão e difusão do conhecimento na sociedade contemporânea, o PPGDC busca superar as barreiras entre o conhecimento científico e o cultural, entre o pensamento monológico e polilógico. Com isso, ele promove um intercâmbio entre diferentes áreas de estudo, integrando-as em uma abordagem colaborativa e multirreferencial, que permite a transformação e circulação de saberes tácitos e explícitos em um ambiente de interação contínua. Esse programa destaca-se pelo seu compromisso com a publicização e socialização do conhecimento produzido/criado, rompendo com a visão tradicional de que o saber deve ser restrito a círculos acadêmicos.

A abordagem de Sontag sobre a primazia da forma sobre o conteúdo nos ajuda a ver que o valor da interdisciplinaridade nesses programas não está apenas em sua capacidade de gerar novos “conteúdos”, mas na própria forma como o conhecimento é criado, compartilhado e reconfigurado. A interdisciplinaridade, portanto, não é uma mera soma de saberes, mas uma forma de criação que resiste às lógicas interpretativas e disciplinares tradicionais. É, em si, uma “monstra” que desafia a domesticação do saber.

Já o Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos é um exemplo de como a interdisciplinaridade pode gerar “teratologias” produtivas ao interseccionar áreas como História, Antropologia, Estudos de Gênero e Estudos Africanos e Afro-brasileiros. Ele permite uma compreensão mais profunda e complexa das questões raciais e étnicas, revelando aspectos ocultos da história e da sociedade brasileira. As pesquisas que emergem desse programa demonstram como áreas de conhecimento podem se entrelaçar para produzir saberes que desafiam narrativas dominantes e contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

⁵ Apenas para citar um exemplo, mencionamos o caso da pesquisadora Tertuliana Lustosa, que muito recentemente, ganhou as manchetes dos principais portais do País por promover o que ela nomeia de “educação pelo cu”. Sobre o tema, conferir: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/saiba-quem-e-a-artista-que-mostrou-nadegas-em-palestra-de-pos-graduacao-no-ma/>. Acesso em: 28 set. 2025.

Esses programas de pós-graduação mostram que a interdisciplinaridade não é apenas uma abordagem metodológica, mas um compromisso com a inovação, é dizer, com a invenção de novas formas de saber. Eles refletem um movimento de resistência, uma insubmissão às normas acadêmicas que tradicionalmente isolam as áreas de conhecimento. Ao abraçarem a interdisciplinaridade, esses programas desafiam as fronteiras entre os saberes, criando um terreno fértil para a *invenção* de novas epistemologias.

Com isso não estamos propondo romper de forma radical com as normas acadêmicas hegemônicas e legitimadas historicamente. Sem dúvida, qualquer rompimento radical pode significar exclusão, silenciamento ou até mesmo inviabilizar a própria existência científica e epistêmica da pessoa pesquisadora dentro do espaço acadêmico. Estamos sugerindo uma espécie de “subversão encarnada”, na qual agimos pelas frestas, promovendo inflexões simbólicas, inserindo vozes e epistemologias outras (como os saberes feministas, decoloniais, *queer*) sem, contudo, negar formalmente as exigências institucionais, éticas e de regramentos. É dizer de um jogo tático, como em um cenário de guerra, de sobrevivência, inspirado em pensadores como Michel de Certeau (2012), sobre a *arte de fazer*, mas também próximo da noção de *mestiçagem epistêmica* e de *resistência molecular* de Deleuze e Guattari (1997). Isso tudo significa, ao mesmo tempo, não se render à normatividade acadêmica, mas também não romper com compromissos éticos, estéticos e políticos, de modo que a pessoa pesquisadora perca sua possibilidade de ação e escuta.

A vasta produção de conhecimento feminista também nos ajuda a pensar sobre esse tópico. O gesto de subverter sem romper que estamos defendendo, encontra ressonância profunda em correntes feministas que historicamente precisaram resistir, negociar e sobreviver dentro de sistemas de opressão e exclusão epistêmica e institucional. Feministas negras, decoloniais e pós-estruturalistas, como por exemplo Gloria Anzaldúa (1997), Donna Haraway (1995) e bell hooks (2013), nos ensinam que nem sempre é possível ou desejável a ruptura total com instituições ou linguagens hegemônicas, porque isso pode significar o silenciamento ou a perda de espaços de fala

e existência. Ao invés disso, elas propõem estratégias de infiltração⁶, deslocamento e reinvenção nas brechas do sistema.

A criação de “teratologias” – formas de saber híbridas, anômalas, mas profundamente inovadoras – nos programas interdisciplinares da Bahia é a evidência de que o campo das humanidades e ciências sociais está em constante reinvenção. Essas criações híbridas são aberrações, são monstros, expressões da vitalidade do pensamento acadêmico, que se recusa a ser contido pelas limitações das disciplinas tradicionais. O resultado é uma produção de conhecimento que é simultaneamente acadêmica e socialmente relevante, capaz de lidar com os problemas complexos do presente de maneira mais eficaz e integrada.

Essas “teratologias”, ao rejeitarem uma separação entre forma e conteúdo, operam em um nível que desafia as convenções acadêmicas. Como no exemplo de Linguagens Pajubeyras (Lucas Lima, 2027), em que o pajubá não é apenas uma ferramenta linguística, mas uma forma de resistência viva e criativa. Essas produções insurgentes se afirmam não pelo que “significam” de maneira convencional, mas pelo modo como transformam tanto o objeto de estudo quanto a própria estrutura do saber acadêmico. A interdisciplinaridade, nesses casos, torna-se o campo em que essa forma-conteúdo monstruosa pode florescer, criando possibilidades outras de existência para o saber acadêmico e para as formas de vida que ele toca e transforma.

Em suma, a interdisciplinaridade nos programas de pós-graduação baianos, nosso *locus* de observação, ao permitir a criação dessas “teratologias” intelectuais, fortalece a capacidade dos e das pesquisadores(as) de enfrentar os desafios contemporâneos. Esses programas representam um espaço de resistência, de criação insurgente, nos quais o saber não é apenas reproduzido, mas reinventado; em que o campo acadêmico se renova continuamente em diálogo com o presente e com as urgências políticas, sociais e culturais do nosso tempo.

⁶ Tais estratégias de infiltração guardam relação com a *antropofagia*, já mencionada por nós, em que devoramos o que recebemos e, ao final, ficamos com o que nos interessa, após a excreção. É assim que enxergamos a herança do ocidente: dela não nos afastamos, pois isso seria impossível, mas a devoramos e ficamos com o que realmente nos nutre e faz surgir coisas novas.

Essa insubmissão, longe de ser uma simples rebeldia acadêmica, é um gesto profundo de compromisso com a transformação da realidade. Afinal, como propõe Boaventura de Sousa Santos, a possibilidade de um futuro melhor reside na reinvenção do presente, ampliado pela “sociologia das ausências” e pela “sociologia das emergências” (Santos, 2006). Ao desafiar a separação disciplinar, a interdisciplinaridade se torna uma prática criativa e insurgente que permite a criação de novas formas de conhecimento e novas formas de vida. É, portanto, um caminho essencial para a sobrevivência e renovação das humanidades e ciências sociais, que, assim como qualquer campo de saber, deve continuamente reinventar-se para não perecer.

A silhueta da monstra na escuridão

O trabalho de doutoramento do doutor Clebemilton Nascimento, intitulada *A gestão encarnada do conhecimento científico-acadêmico: cartografias de grupos de pesquisa em gênero, sexualidade e queer na Bahia (2009-2019)*, oferece uma importante contribuição para a construção de novos espaços epistemológicos e políticos dentro da academia. Ele vai além de uma simples inovação conceitual ao propor a noção de pesquisador(a) encarnado(a)⁷ e de gestão encarnada, introduzindo também uma dimensão estética ao modo como o conhecimento é produzido e representado. É a combinação de forma e conteúdo, algo que desestabiliza as convenções acadêmicas, que desenha essa “silhueta estranha”, uma monstra “queerizada” que se destaca no horizonte das pesquisas em Humanidades e Ciências Sociais.

⁷ Sobre a perspectiva da Pesquisa Encarnada recomendamos toda a produção disponível de pessoas pesquisadoras, mestres e doutoras formadas pelos Programas de Pós-Graduação vinculados ao Grupo de Pesquisa Enlace (UNEB), a saber: PPGDC (UFBA/UNEB) e Pós-Crítica (UNEB) e que intencionalmente ou não, investiram na potencialidade desse conceito/ferramenta/operador teórico-metodológico cujo nascedouro foi o saber-fazer desse importante e produtivo espaço de produção de conhecimento. Para um maior detalhamento das contribuições teórico-metodológicas da Pesquisa Encarnada, especialmente nos Estudos de Gênero e Sexualidade, sugerimos a tese de Clebemilton Nascimento (2021) e, dentre outras referências, as seguintes publicações do Grupo Enlace: Messeder e Nascimento (2020) e, mais recente, Messeder (2024).

O conceito de pessoa pesquisadora encarnada, tal como proposto por autores como Messeder e Nascimento (2020) e Nascimento (2023), desafia a tradição acadêmica que despersonaliza o(a) sujeito(a) do conhecimento, propondo em seu lugar uma figura que encarna o ato de pesquisa com seu corpo, suas experiências e subjetividades. Segundo Nascimento:

O fio condutor dessa trilha será a perspectiva do Pesquisador Encarnado, uma experiência utópica⁸ que nasce da urgência mesma de produzir, gestar e difundir conceitos no acontecer da (inter)transdisciplinaridade, da complexidade e da multiplicidade a partir de uma agenda coletiva e decolonial. (Nascimento, 2021).

Esse gesto vai ao encontro da ideia de que as heterotopias, como descritas no ensaio *Invenções Heterotópicas*, são espaços que subvertem a ordem estabelecida, funcionando como “lugares outros” onde novas formas de subjetividade e resistência podem florescer. Nesse sentido, Nascimento cria um desses “espaços outros” ao romper com as normas acadêmicas que tradicionalmente excluem o corpo e a experiência pessoal da produção do saber. Seu conceito de pesquisa e gestão encarnada do conhecimento inscreve o corpo *queer* no coração do processo de pesquisa, criando uma heterotopia dentro da própria estrutura acadêmica.

A pesquisa de Nascimento (2021) é, portanto, uma resposta direta aos poderes que tentam capturar e domesticar a subjetividade no campo do conhecimento. Como observado no ensaio *Invenções Heterotópicas*:

As heterotopias, então, sejam como uma resposta das sociedades altamente reguladoras, seja, e como queremos aqui, e nisso apostamos, como instâncias de subjetivação minoritária, lugar, ou melhor, contralugar e contratempo de afeto e afetações, abrem possibilidades muitíssimo interessantes de se analisar os modos de funcionamento do poder e, talvez, nos ajudem a pensar em maneiras de superá-lo (De Lucas et al., 2021, p. 491).

⁸ Não apenas utópica, como um horizonte, mas, sobretudo, *heterotópica*, um novo lugar oriundo da criação, da invenção. E não é a pesquisa acadêmica invenção, é dizer, imaginação em toda a sua potência?

Nascimento posiciona seu trabalho como um contralugar – uma heterotopia acadêmica em que as normas dominantes são desafiadas e novas formas de subjetivação podem emergir. Ao articular a figura da pessoa pesquisadora encarnada em um processo também encarnado de gestão do conhecimento, ele propõe uma ciência que não está baseada em abstrações, mas que se enraíza nas experiências vividas, nas afetações e nos corpos que criam conhecimento. É um trabalho que revela como a prática acadêmica pode ser, ela mesma, um espaço de resistência, um lugar outro onde a criatividade e a insurgência se encontram. Que coisa poderosa essa!

A mostra que emerge dessa pesquisa, portanto, não é apenas uma metáfora para a criação *queer*, mas uma representação real de como a pesquisa pode funcionar como um espaço de subversão e resistência às forças normativas da heteronormatividade, da branquitude e do colonialismo acadêmico. Como apontado no ensaio:

Essas heterotopias funcionam como laboratórios de invenção e experimentação, onde o tempo e o espaço são ressignificados em favor da criação de novas formas de sociabilidade e de modos de existir que resistem à normatividade. (De Lucas et al., 2021, p. 492).

No caso de Nascimento, sua pesquisa encarnada é um laboratório no qual os corpos dissidentes – *beesha*, *queer*, racializados – são centrais para a criação de novos saberes. A tese se apresenta como uma forma de resistência à domesticação acadêmica, um espaço em que a pessoa pesquisadora não apenas produz conhecimento, mas também cria formas outras de existência científica e acadêmica.

Essa proposta heterotópica de Nascimento é reforçada pela maneira como ele aborda a noção de urgência. Ele nos lembra que a pesquisa, especialmente aquela que surge das margens, deve responder à urgência do tempo presente, às crises e aos poderes que tentam aprisionar a subjetividade. Essa urgência, como ele destaca, está ligada a uma agenda decolonial, um esforço para dismantelar as colonialidades do ser e do saber que ainda permeiam a academia.

A decolonialidade, portanto, na obra de Nascimento, assim defendemos, assume a forma de uma Mostra. Trata-se de uma força criativa e insurgente que se manifesta

tanto na estrutura teórica quanto na forma do texto. Não é uma figura dócil ou controlável; ao contrário, é uma criação monstruosa, abjeta, que desafia a lógica acadêmica dominante e propõe um novo modo de fazer ciência e da pessoa pesquisadora encarnar-se na criação de conhecimento. Nas palavras do ensaio *Invenções Heterotópicas*, já mencionado, é uma *heterotopia de resistência*:

Essas heterotopias são lugares onde as normatividades são suspensas, invertidas ou contestadas. Funcionam como espaços de experimentação e resistência, onde novas formas de viver e de pensar podem ser criadas. (De Lucas et al., 2021, p. 494).

A Mostra acadêmica de Nascimento é, portanto, uma invenção que resiste às formas tradicionais de produção de conhecimento, um corpo estranho que não pode ser capturado pelas lógicas normativas da academia. Sua pesquisa encarnada e seu modo encarnado de fazer a gestão do conhecimento científico-acadêmico, ao abraçar a subjetividade e a corporeidade, cria um espaço de resistência dentro da academia, um espaço onde as fronteiras entre pesquisador(a) e objeto, forma e conteúdo, são deliberadamente borradas.

Ao fazer isso, Nascimento não apenas propõe novas ferramentas teóricas; ele também nos convida a repensar a própria prática da pesquisa. A perspectiva encarnada de produção de conhecimento não é uma abstração; ela é uma resposta ao poder, uma criação heterotópica que se inscreve na academia como um lugar outro, onde a insurgência e a criatividade caminham juntas para transformar o campo do saber.

Assim, a silhueta da Mostra que emerge do trabalho de Nascimento se projeta no horizonte da pesquisa acadêmica como um símbolo daquilo que resiste à domesticação, daquilo que escapa às tentativas de controle e captura. É um espaço de invenção, uma heterotopia, onde novas formas de vida e de conhecimento continuam a se reinventar e a resistir ao poder.

Algumas considerações finais

Ao longo deste ensaio, articulamos a noção de teratologias como metáfora e metodologia para a criação de saberes que desafiam as normatividades acadêmicas, ao mesmo tempo em que enfrentam a complexidade dos tempos contemporâneos. Vimos que a interdisciplinaridade, especialmente no contexto baiano dos Programas de Pós-Graduação abordados, especialmente os estudos em gênero e sexualidade, têm se tornado um espaço privilegiado para essas criações monstruosas, híbridas e insurgentes. Contudo, essa força criativa segue ainda encontrando barreiras institucionais que limitam seu alcance e reconhecimento no cenário brasileiro de modo geral. Um exemplo evidente dessa limitação é a ausência de uma Área Interdisciplinar no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Essa ausência é mais do que uma lacuna organizacional e administrativa; é uma manifestação de um sistema que ainda se prende às dicotomias disciplinares e às formas tradicionais de produzir conhecimento. A criação de uma Área Interdisciplinar no CNPq se faz urgente, não apenas para dar vazão às pesquisas monstruosas que, como argumentamos, desafiam a linearidade e o controle normativo, mas também para valorizar as experimentações e as pessoas pesquisadoras que atuam nesse campo. O não-reconhecimento das produções interdisciplinares no sistema de fomento é uma forma de silenciamento e desvalorização, que atinge, sobretudo, aquelas pessoas que trabalham em áreas como gênero, sexualidade e estudos *queer*, dentre outros campos emergentes. A interdisciplinaridade é o lugar de florescimento dessas pesquisas, e onde as monstras podem existir sem a necessidade de se conformar aos modelos tradicionais do saber. Assim, não se trata apenas de criar uma nova categoria, mas de reconhecer um campo que já existe e que precisa de espaço, respaldo e reconhecimento.

Entretanto, é crucial que fique claro que o valor dessas pesquisas não reside apenas em sua forma ou em seu caráter subversivo. A pesquisa monstruosa tem valor em si, sem dúvida, como discutimos ao longo do ensaio. Mas isso não significa que se fechem os olhos para os problemas reais da sociedade. Pelo contrário, as discussões em torno de gênero, sexualidades e estudos *queer*, que ilustraram grande parte dos argumentos aqui

trazidos, são indissociáveis do espírito do nosso tempo. Elas não são desvios ou distrações de uma “realidade” mais importante e urgente, como algumas pessoas poderiam argumentar, inclusive as progressistas. O que estamos vivendo agora – as crises políticas, sociais e epistemológicas – exige que olhemos para essas questões com a seriedade que merecem. Não é possível entender o nosso momento histórico sem considerar as dimensões de gênero, sexualidade e as lutas das minorias sociais. Essas são, em si, questões centrais de nossa era, não acessórios ou desvios acadêmicos.

A crítica que vem crescendo em alguns campos, incluindo os progressistas, contrários à relevância dessas discussões, precisa ser enfrentada com veemência. Nos últimos tempos, temos assistido a um movimento curioso: setores que, em outros momentos, defenderam as lutas das minorias, agora criticam as discussões relativas a essas questões, rotulando-as de “delírios identitários” a serviço de uma suposta agenda capitalista e neoliberal internacional. Essas críticas, advindas de campos que outrora lutavam pelo reconhecimento de subjetividades dissidentes, pelo igualitarismo e pela justiça social, acusam as pesquisas em gênero e sexualidade de fragmentarem a luta universal pela equidade. Na verdade, essa é uma leitura enviesada e redutora em nosso entender.

Somos contrários, de maneira enfática, a essa crítica que procura deslegitimar nossos trabalhos e discussões. Primeiro, porque ignora a especificidade das lutas e das dominações vividas pelas minorias sociais. Segundo, porque essa crítica, em nome de uma suposta “universalidade”, reforça um discurso que volta a invisibilizar aquelas subjetividades que mais necessitam de atenção e proteção, as mesmas que, durante séculos, foram relegadas à margem da sociedade. As pesquisas que desenvolvemos no campo de gênero, sexualidade e *queer* são, sim, partes essenciais da luta por justiça social. Elas não se contrapõem à busca por direitos universais; ao contrário, elas ampliam essa busca, mostrando que não há justiça real sem o reconhecimento das diversidades, diferenças e das pluralidades que compõem o corpo social.

A crítica à relevância dessas questões em nome de uma “universalidade” é, na verdade, uma tentativa de esvaziar as conquistas⁹ que conseguimos até aqui e deslegitimar nossos esforços. Em um contexto de crise global, com avanços e retrocessos nos direitos das minorias, não podemos ceder a esses discursos. Como defendemos ao longo deste texto, os estudos em gênero, sexualidade e *queer* não são apenas válidos; eles são essenciais para entender e transformar o mundo em que vivemos. Mais do que isso, são formas de resistir às forças que tentam apagar ou reduzir as complexidades da vida social a categorias simplistas e normativas.

Portanto, concluímos que a interdisciplinaridade e as pesquisas monstruosas não apenas possuem valor em si, como também são cruciais para enfrentar os desafios contemporâneos. A criação de uma Área Interdisciplinar no CNPq é um passo necessário para que essas pesquisas possam se desenvolver plenamente e alcançar o reconhecimento que merecem. Além disso, devemos continuar a defender as pesquisas em gênero, sexualidade e *queer* como campos legítimos e essenciais de investigação, especialmente frente às críticas que tentam deslegitimá-los. Esses campos de estudo não estão dissociados das “questões reais” de nossa sociedade; eles estão no centro das lutas por justiça e reconhecimento no século XXI. É tempo de reconhecer que, sem essas discussões, não poderemos compreender plenamente o que significa lutar por um mundo mais justo e equitativo.

Assim, como afirmamos ao longo deste ensaio, as monstras que emergem de nossas pesquisas são forças criadoras que desafiam e resistem às tentativas de controle, domesticação e silenciamento. Elas representam não apenas a possibilidade de criar saberes, mas a urgência de “criar novas formas” de vida e existência. Que essas monstras continuem a florescer na escuridão, iluminando e desafiando os limites de nosso pensamento e de nossas práticas acadêmicas e políticas. As monstras nunca foram tão necessárias como agora.

⁹ E nos referimos, sobretudo, às conquistas normativas obtidas em nome, justamente, de um universalismo igualitarista. A criação de sistemas internacionais de proteção de direitos humanos, como o onusiano e o americano, são exemplos de que é possível, por um lado, buscar o universal, e, por outro, preservar e demarcar a diferença. Discutimos parte dessa questão em De Lucas (2024).

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- CEIA, Carlos. Falogocentrismo. *In: Enciclopédia das Literaturas em Língua Portuguesa*, 2018. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/falogocentrismo>. Acesso em: 16 abr. 2023.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DE LUCAS, Carlos H. **Controle de convencionalidade das normas do CNJ no contexto da internacionalização da justiça brasileira**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Centro Universitário Dom Pedro II, Salvador, 2024.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- BURNHAM FRÓES, Teresinha. Análise Cognitiva. Um campo multirreferencial do conhecimento? Aproximações iniciais para uma construção. *In: BURNHAM FRÓES et al. Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem*. Currículo, educação à distância e gesto/difusão do conhecimento. Salvador: Edufba, 2012.
- GALEFFI, Dante. Criatividade como transformatividade humana própria e apropriada. *In: GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto S.; BARBOSA, Joaquim G. Criação e devir em formação: mais-vida na educação*. Salvador: Edufba, 2014.
- GALEFFI, Dante. O rigor nas pesquisas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. *In: PIMENTEL, Alámo G; GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto S. Um rigor outro: a questão da qualidade na pesquisa qualitativa*. Salvador: Edufba, 2009.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-42, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 29 set. 2025.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- LIMA, Carlos Henrique L.; **Linguagens pajubeyras: re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade**. 1.Ed. Salvador: Devires, 2017.

LIMA, Carlos Henrique L.; NASCIMENTO, Clebemilton G.; FERNANDES, Fábio. Estranhas telas de sentido: a escrita de si e do outro na/pela linguagem. **Scripta**, [S. l.], v. 23, n. 48, p. 83-92, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2019v23n48p83-92>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/19785>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MESSEDER, Suely A. O(A) Pesquisador(a) Encarnado(a) e a construção dos princípios: aliança, conexões e compromisso. In: MESSEDER, Suely Aldir; Nascimento, Clebemilton Gomes do. **Caminhos abertos e encruzilhadas: experimentações epistemológicas em pesquisa científica**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2024.

MESSEDER, Suely A; NASCIMENTO, Clebemilton G. (org.). **Pesquisador(a) encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências**. Salvador: Edufba, 2020.

NASCIMENTO, Clebemilton G. **A gestão encarnada do conhecimento: grupos de pesquisa em gênero, sexualidade e queer**. Salvador: Eduneb, 2023.

NASCIMENTO, Clebemilton G. **A gestão encarnada do conhecimento acadêmico-científico: cartografias de grupos de pesquisas em gênero, sexualidades e queer na Bahia (2009-2019)**. 2021. Tese (Doutorado em Difusão do conhecimento) – Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do conhecimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2021.

NASCIMENTO, Clebemilton e LUCAS, Carlos H. (2024). A escritura encarnada na criação de conhecimento científico acadêmico. **Scripta**, v. 28, n. 62, p. 347-372.

PELBART, Peter. Pál. Elementos para uma cartografia da grupalidade. In: GARCIA, S.; SAADI, F. **Próximo ato**. São Paulo; Itaú Cultural, 2007.

RIBEIRO, Renato J. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**, v. 11, n. 1, p. 189–195, maio 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20701999000100010> Disponível em

<https://www.scielo.br/j/ts/a/nsXfXFJdY6mMhMx6Zgckwrg/?format=html&lang=pt>.

Acesso em: 09 ago. 2025.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

Monstrous forms: inventive-interdisciplinary teratologies in gender, sexualities, and queer

Abstract: This essay delves into the nuances of scientific creation and dissemination based on interdisciplinary political-investigative practices in the fields of gender, sexualities,

and queer studies. Through a metatheoretical reflection, the text offers an analysis of the creative processes involved in the production and management of knowledge, emphasizing epistemological and aesthetic insurgency as fundamental traits of contemporary research. The concept of “inventive teratologies” is introduced as a metaphor for creative monstrosities that challenge established normativities, particularly within the humanities and social sciences, where creation with difference emerges as an act of resistance against the reproduction of hegemonic knowledge. The essay also reflects on the role of interdisciplinarity and embodied research in producing insurgent knowledge, questioning the limits of academic institutionalization and proposing alternative forms of subjectivation and knowledge management.

Keywords: Scientific creation. Gender and sexualities. Embodied research. Interdisciplinarity. Epistemological resistance.

Recebido: 26/03/2025

Aceito: 10/09/2025